

Espanhol e português brasileiro estudos comparados

Adrián Pablo Fanjul e Neide Maia González

[ORGANIZAÇÃO]

EDITOR:

Marcos Marcionilo

CONSELHO EDITORIAL:

Ana Stahl Zilles [Unisinos]

Angela Paiva Dionísio [UFPE]

Carlos Alberto Faraco [UFPR]

Egon de Oliveira Rangel [PUC-SP]

Gilvan Müller de Oliveira [UFSC, Ipol]

Henrique Monteagudo [Universidade de Santiago de Compostela]

Kanavillil Rajagopalan [UNICAMP]

Marcos Bagno [UnB]

Maria Marta Pereira Scherre [UFES]

Rachel Gazolla de Andrade [PUC-SP]

Roberto Mulinacci [Universidade de Bolonha]

Roxane Rojo [UNICAMP]

Salma Tannus Muchail [PUC-SP]

Sírio Possenti [UNICAMP]

Stella Maris Bortoni-Ricardo [UnB]


parábola

As séries de demonstrativos: mais assimetrias

Gisele Souza Moreira

Guilherme, o Conquistador, cuja causa foi favorecida pelo Papa, logo obteve a submissão dos ingleses, que precisavam de líderes, e nos últimos tempos se tinham habituado à usurpação e à conquista. [...] Edwin e Morcar, condes de Mércia e Nortúmbria, pronunciaram-se a favor dele, e até Stigand, o patriótico arcebispo de Cantuária, achando isso conveniente...

— *Achando o quê?* — perguntou o Pato.

— *Achando isso* — replicou o Rato já meio aborrecido — *Naturalmente você sabe o que “isso” quer dizer.*

— *Sei muito bem o que “isso” quer dizer quando sou eu que acho alguma coisa* — explicou o Pato.

— *Em geral, uma rã ou um verme. Mas a questão é: o que foi que o arcebispo achou?*

(Lewis Carroll, 1980: 53-54)

1. OS DEMONSTRATIVOS E A CONSTRUÇÃO DE REFERÊNCIA. INTRODUZINDO UMA NOVA ASSIMETRIA INVERSA

Na epígrafe acima, traduzida de *Alice no país das maravilhas*, o rato está contando uma história a Alice e a alguns animais, e a dúvida do pato diz respeito ao valor do verbo “achar” acompanhado do demonstrativo neutro “isso”,

utilizado para fazer referência ao que fora dito anteriormente. A confusão se dá porque o pato considera somente um valor para o verbo “achar”, o de encontrar um objeto procurado, e não consegue entendê-lo, na frase, como “ter opinião sobre algo”. A partir disso, o grande problema do diálogo se torna o que a palavra “isso”, nesse caso precedida pelo verbo “achar”, significa. A que se refere esse demonstrativo?

Em resposta ao questionamento do pato, o rato diz: “Naturalmente você sabe o que ‘isso’ quer dizer”. Poderíamos pensar que o rato emprega o demonstrativo neutro “isso” como uma palavra que apresenta uma referência fixa. O advérbio “naturalmente” reforça a ideia de quão evidente é para o rato o valor do pronome “isso”.

Porém, o pato logo responde alegando que sabe o que a palavra “isso” quer dizer quando é ele que a profere, no caso ele afirma usar a construção “achar + demonstrativo” para falar do resultado de uma busca: “Sei muito bem o que ‘isso’ quer dizer quando sou eu que acho alguma coisa — explicou o pato. — Em geral, uma rã ou um verme”.

Ao estudar os demonstrativos somos levados diretamente ao conceito de referência, e costuma-se pensar que os demonstrativos apontam para algo do mundo “real”. Porém, o questionamento do pato na história de Alice nos faz lembrar que a referência é algo que se constrói no processo enunciativo, e que não é fixa.

Neste capítulo, observamos os demonstrativos partindo da perspectiva de que são formas cuja ocorrência participa na produção de sentido no enunciado. A referência da qual falamos é a que se faz ao mundo representado na enunciação, não a uma realidade exterior que o enunciado reproduziria fielmente. Embora em muitos momentos nos referiremos à “situação” ou a “conteúdos” referidos por expressões que contêm demonstrativos, para nós essa situação e esses conteúdos são os representados na enunciação. Sobre isso, Ducrot e Todorov (2001: 229, grifo no original) afirmam:

Tendo a comunicação linguística muitas vezes por objeto a realidade extralinguística, os locutores devem poder designar os objetos que a constituem: é a função referencial da linguagem (os objetos designados por uma expressão formam seu referente). Essa realidade não é, todavia, necessariamente

a realidade, o mundo. As línguas naturais têm com efeito o poder de construir o universo ao qual elas se referem; podem, pois, obter um universo de discurso imaginário.

Observando a função dos demonstrativos, Neves (2000: 495-498) destaca duas possibilidades de emprego dessas formas: “Como referenciador textual (uso endofórico)”, pelo qual explica os usos que se apresentam como catáfora ou anáfora, isto é, dentro do texto, e como “referenciador situacional (uso exofórico)”, para as relações fora do texto.

Os demonstrativos são o nosso tema neste capítulo, e iniciamos o caminho para começar a pensar essas formas com um problema de entendimento de uma referência como o que acontece na história de Alice. Outro tipo de desencontros, também relacionados à produção de referência, podem acontecer, como veremos, em torno dos demonstrativos, quando línguas como o português do Brasil (PB) e o espanhol (E) são postas em contato.

O PB e o E apresentam um sistema formado por três séries com uma diversificação de formas bastante análoga; no entanto, ao observarmos o funcionamento dessas formas em cada língua, encontramos substanciais diferenças. No emprego das três séries dos demonstrativos se constatam, mais uma vez, **assimetrias inversas** (González, 1994) para cada língua, assimetrias análogas às que foram expostas nos capítulos sobre pronomes pessoais da primeira parte do livro. No PB, há uma tendência ao retrocesso da primeira série e crescimento da segunda, ou seja, há uso da forma “esse” em lugares nos quais diferentes normativas esperariam “este”. Já em E, se dá uma outra assimetria: a extensão da segunda série (*ese*) para valores normativamente atribuídos à terceira (*aquel*).

Ao longo deste capítulo, trataremos, portanto, de recolher estudos sobre os demonstrativos e de expor as semelhanças e diferenças no emprego dessas formas nas duas línguas, considerando o uso assimétrico citado

¹ Ao longo do capítulo, indicaremos cada série mediante o masculino singular, para economizar a descrição, mas sempre nos referimos também às formas femininas, aos plurais e aos neutros. Assim, por exemplo, quando mencionado como tipo, “esse” inclui “esse, essa, esses, essas, isso”.

anteriormente, assunto que julgamos de extrema importância no campo dos estudos comparativos entre essas duas línguas.

2. AS TRÊS SÉRIES DOS DEMONSTRATIVOS

Para tratar das três séries dos demonstrativos nas duas línguas, comecemos observando essas formas no latim, a partir do que afirma Silva Neto (1970: 235, grifo no original):

O sistema dos demonstrativos era constituído por *hic* (relativo à 1ª pessoa), *iste* (relativo à 2ª) e *ille* (da 3ª), *is* (empregado para todas as pessoas) e *ipse* (marca de identidade). Desde cedo, porém, a língua corrente adotou, na ordem de proximidade, *iste*, *ipse* e *ille*. Foram reforçados com a partícula de relevo *eccum*, largamente documentada: *eccum iste* (port. arc. *aqueste*), *eccum ipse* (port. arc. *aquesse*) e *eccum ille*, que se mantém no português como *aquele*.

Os demonstrativos no latim já se caracterizavam pela divisão em três séries, de acordo com uma ordem de proximidade a partir de uma relação estabelecida com as pessoas do discurso. Tal divisão partia de *hic*, mais próximo do locutor, até *ille*, mais distante do locutor, e já apresentava um caráter dêitico.

Ainda tratando da evolução dessas formas, Galembeck (2011) questiona se os demonstrativos com esse sistema tripartite vindo do latim se mantêm vivos no PB. Depois de uma análise da evolução dessas formas, o autor conclui:

A classe dos pronomes demonstrativos vem sofrendo reestruturações sucessivas, marcadas pelo abandono de certas formas, pela introdução de novas formas e pelo acréscimo de novos usos. Verifica-se, assim, o desaparecimento de *hic*, o surgimento e o desaparecimento das formas reforçadas, a introdução de *ipse* como demonstrativo de 2ª pessoa. Quanto ao uso, cabe apontar o incremento do emprego anafórico (representado por *esse/isso*) e, no emprego dêitico, a substituição do sistema ternário (*este, esse, aquele*) pelo sistema binário.

Das reestruturações citadas pelo autor, uma nos chama bastante a atenção: a suposta substituição do sistema ternário por um sistema binário no

PB, fato que observávamos também, em certa medida, no E, porém cada língua estaria abandonando uma série diferente: no caso do E, teríamos uma substituição de *aquel* por *ese*, e, no caso do PB, uma substituição de “este” por “esse”. Para pensar nesses processos de deslocamento, vejamos primeiro como está organizado o paradigma dos demonstrativos nas duas línguas.

A classe dos demonstrativos está composta por três séries tanto em PB quanto em E, e em cada uma dessas séries encontramos o singular e o plural das formas do masculino e feminino e uma forma neutra:

| | PORTUGUÊS | | | | | ESPAANHOL | | | | |
|----------|-----------|--------|---------|---------|--------|-----------|---------|----------|----------|---------|
| | Singular | | Plural | | Neutro | Singular | | Plural | | Neutro |
| | Masc. | Fem. | Masc. | Fem. | - | Masc. | Fem. | Masc. | Fem. | - |
| 1ª série | este | esta | estes | estas | isto | este | esta | estos | estas | esto |
| 2ª série | esse | essa | esses | essas | isso | ese | esa | esos | esas | eso |
| 3ª série | aquele | aquela | aqueles | aquelas | aquilo | aquel | aquella | aquellos | aquellas | aquello |

Tabela 1: Classes dos demonstrativos – em PB e em E.

Tradicionalmente, afirma-se que no campo da primeira série está tudo o que se relaciona com quem enuncia e o tempo e espaço nos quais esse locutor está inserido; a segunda série refere-se ao domínio da pessoa com quem se fala; e a terceira, a tudo o que não está nem no domínio da 1ª nem da 2ª pessoa do discurso.

Apesar de os demonstrativos serem geralmente descritos como formas relacionadas às três pessoas do discurso, tem se visto que, no PB e no E atuais, há fortes deslocamentos entre as séries.

3. OS ATUAIS EMPREGOS DAS SÉRIES DE DEMONSTRATIVOS NAS DUAS LÍNGUAS

3.1. No português brasileiro

Começaremos nossa reflexão sobre o caso do PB e a perceptível perda de distinção entre a primeira e a segunda séries. Mesmo em uma obra de tipo normativo, como a de Cunha e Cintra (2001: 332), são comentados usos de “*esse* em lugar de *este*”, atribuídos a “uma atitude de desinteresse

ou de desagrado para com algo que esteja perto de nós”. Conforme mostram as pesquisas que referiremos neste mesmo item, o grau de generalização do emprego da segunda série não parece enquadrar-se apenas nesse tipo de atitude.

A partir de estudos que apresentam a hipótese de alternância entre as duas primeiras séries, Castilho (1993: 127-128) afirma que os demonstrativos “não mostram uma estrita adesão às três pessoas do discurso”. A partir de dados do Projeto de Gramática do Português Falado, o autor observa que a frequência de uso da forma “esse” foi maior, num *corpus* com 91 ocorrências de demonstrativos, que mostrou 13% de ocorrências para “este”, 58% para “esse” e 29% para “aquele”. Poucos anos antes, resultados enquadrados no projeto NURC (Norma Urbana Regional Culta) também mostravam, para o Rio de Janeiro, deslocamentos das formas “esse” para contextos em que a normativa esperaria “este” (Cid, Costa e Oliveira, 1986). Nos diálogos gravados e analisados, as autoras concluíram que “esse” aparece 9 vezes para referir um tempo presente em relação ao falante (como “esse ano” para o ano atual) ou para objetos próximos do falante, enquanto “este”, a forma que seria “própria” para esses valores, aparece apenas sete vezes. No total do *corpus*, composto por diálogos e por elocuições caracterizadas pelas autoras como formais, as formas “esse” têm 484 ocorrências contra 59 de “este”. Comentando dados mais recentes do NURC, Bagno (2012: 793) propõe que há “um emprego incomparavelmente mais intenso e frequente das formas ‘esse’ (e flexões) e ‘isso’” do que das formas “este”, que ficam restringidas a elocuições de “alto grau de monitoramento estilístico” (p. 795).

Outras reflexões sobre o PB atual como as que vemos em Neves (2000) e Ilari e Basso (2006) apontam para um tipo de “neutralização”. Para a primeira, em uma localização espacial caracterizada pelo “aqui” e correspondente ao lugar onde se situa o falante, “ESTE e ESSE podem alternar-se” (p. 501). Ilari e Basso (2006: 117) chegam a propor que “a grande oposição é hoje entre ‘este’ + ‘esse’ e ‘aquele’, o que caracteriza um sistema binário”. Esclarecemos que com “sistema binário” se quer dizer que haveria de fato só duas séries, uma formada por “esse” e as ocorrências que ainda existem de “este”, e outra por “aquele”.

3.2. No espanhol

Enquanto os estudos em PB destacam o uso da segunda série num lugar no qual esperaríamos a primeira; no caso do E, os estudos indicam o emprego das formas *ese* “no lugar” de *aquel* para referir-se ao que não pertence nem ao campo da 1ª pessoa nem ao campo da 2ª. Também aparecem afirmações sobre um “sistema binário”, só que neste caso caracterizado pela desaparecimento ou enfraquecimento da 3ª série, que dá lugar a uma oposição básica *este/ese*.

Um primeiro problema a considerar, dentre o que aparece nessas reflexões, é a extensão geográfica do fenômeno. Para alguns, o retrocesso de *aquel* em favor de *ese* aparece restringido a um suposto “espanhol da América”. Porém, estudos apoiados em dados quantitativos mostram que não é assim: **o avanço de *ese* sobre *aquel* se dá na América e também na Espanha.**

Uma das primeiras reflexões sobre a desestabilização das séries de demonstrativos foi produzida em meados do século XX por Kany (1969: 170, grifo no original)²:

En el español de América existe una tendencia a hacer caso omiso de aquél y sustituirlo por ése en la mayoría de las circunstancias. De esta manera, ése soporta una doble carga, perdiendo su expresividad. En realidad, semejante uso se puede hallar en el español peninsular y se remonta al lenguaje antiguo, en el cual se empleaba ése con frecuencia allí donde la lengua consagrada actual exige aquél.

Eguren (1999) afirma que se manteria um sistema “ternário” na Espanha e que a tendência a um sistema “binário” se apresenta exclusivamente na América (p. 940, grifo no original):

[...] dicho sistema ternario, tal y cual acaba de ser descrito, funciona, sobre todo, en casos de deixis gestual y simbólica en el español peninsular. En el español de América se tiende a sustituir aquel por ese, resultando en un sistema binario.

² A primeira edição da obra de C. Kany, em inglês, é de 1945 e foi publicada com o título *American Spanish Syntax*.

Fanjul (2006b) questiona a generalização de Eguren por dois motivos. Em primeiro lugar, porque, apesar dos 40 anos de diferença e do acúmulo de pesquisa sobre variação na língua espanhola, a única fonte referida no texto continua sendo Kany. Em segundo lugar, refere dados de De Kock (1997), que em um levantamento realizado em textos de escritores hispano-americanos e espanhóis contemporâneos encontra similar distribuição das três séries tanto na Espanha quanto na América, com escasso emprego de *aquel* em ambos os espaços.

A *Nueva gramática de la lengua española* (RAE, 2009) continua afirmando que é somente em alguns países da América que se pode observar o uso de *ese* no lugar de *aquel* (p. 1280, grifo no original):

En algunos países americanos se reducen las series ternarias a series binarias de otra manera: el demostrativo aquel queda reservado para los usos literarios, o para la deixis evocadora a la que se hace referencia en el §17.2s, de forma que la deixis ostensiva se lleva a efecto con los demostrativos este y ese (y sus variantes morfológicas). Así, en buena parte de las áreas rioplatense, andina y chilena, pero también en otras, es infrecuente el uso de aquel con interpretación ostensiva.

Alguns dos dados do item seguinte reafirmam que o fenômeno que estamos observando não pode limitar-se à América.

3.3. Visões comparadas

Através da aplicação de um questionário e de uma experimentação comparativa em Belo Horizonte e na Cidade do México, Stradioto (2012: 42) observa:

Está havendo uma reorganização no sistema de referência dêitica expresso pelos demonstrativos no português de Belo Horizonte e no espanhol da Cidade do México. Diferentemente da visão veiculada em estudos tradicionais, a relação entre demonstrativos e pessoas do discurso nessas variedades não se baseia na correspondência *este* = 1ª pessoa (falante), *es(s)e* = 2ª pessoa (ouvinte) e *aquel* (*e*) = 3ª pessoa, mas sim *esse* = campo do falante e

do ouvinte e *aquele* = fora do campo do falante e do ouvinte para o PBH e *este* = campo do falante e *aquel* = fora do campo do falante para o ECM³.

Em uma pesquisa que concluímos recentemente (Moreira, 2013), levantamos ocorrências de demonstrativos em falas de ouvintes em programas de rádio. Gravamos essas intervenções em programas com características similares em quatro emissoras de rádio: uma em Madri, outra em Buenos Aires, outra em São Paulo e outra em Salvador. Reunimos 500 ocorrências de demonstrativos em cada língua, 250 em cada rádio.

Observamos que, em ambas as línguas, a série mais empregada é a segunda: 405 ocorrências em PB e 273 em E. Ainda no PB, das 500 ocorrências, há apenas oito demonstrativos de primeira série. Já em E, é o demonstrativo de terceira série que aparece com a menor frequência: 24 demonstrativos, o que corresponde a apenas 4,8% do total de demonstrativos coletados em E. Os dados dessa pesquisa vêm a seguir, sendo todas as tabelas de Moreira (2013). Na tabela 2, mostramos as quantidades e na tabela 3, as porcentagens que correspondem a essas quantidades:

| | 1ª série (este/este) | 2ª série (esse/ese) | 3ª série (aquele/aquel) | Total |
|---|-------------------------|------------------------|----------------------------|-------|
| Número de demonstrativos no corpus em português do Brasil | 8 | 405 | 87 | 500 |
| Número de demonstrativos no corpus em espanhol | 203 | 273 | 24 | 500 |

Tabela 2: Ocorrência das três séries dos demonstrativos em PB e E.

| | 1ª série (este/este) | 2ª série (esse/ese) | 3ª série (aquele/aquel) |
|--|-------------------------|------------------------|----------------------------|
| Porcentagem de demonstrativos no corpus em português do Brasil | 1,6% | 81% | 17,4% |
| Porcentagem de demonstrativos no corpus em espanhol | 40,6% | 54,6% | 4,8% |

Tabela 3: Porcentagem de ocorrência das três séries dos demonstrativos em PB e E.

³ A autora utiliza as siglas PBH para “português de Belo Horizonte” e ECM para “espanhol da Cidade do México”.

Diferenciando cada rádio, temos as seguintes quantidades (tabelas 4 e 6) e porcentagens (tabelas 5 e 7). Note-se que as tabelas 6 e 7 permitem comparar dados de uma cidade hispano-americana e uma espanhola:

| | 1ª série (este/este) | 2ª série (esse/ese) | 3ª série (aquele/aquel) |
|------------------------------------|-------------------------|------------------------|----------------------------|
| Rádio Capital São Paulo, Brasil | 1 | 207 | 42 |
| Rádio Sociedade Bahia, Brasil | 7 | 198 | 45 |

Tabela 4: Ocorrência dos demonstrativos em PB por rádio.

| | 1ª série (este) | 2ª série (esse) | 3ª série (aquele) |
|------------------------------------|--------------------|--------------------|----------------------|
| Rádio Capital São Paulo, Brasil | 0.4% | 82.8% | 16.8% |
| Rádio Sociedade Bahia, Brasil | 2.8% | 79.2% | 18% |

Tabela 5: Porcentagem de ocorrência dos demonstrativos em PB por rádio.

| | 1ª série (este) | 2ª série (ese) | 3ª série (aquele) |
|--|--------------------|-------------------|----------------------|
| Rádio Mitre Buenos Aires, Argentina | 108 | 139 | 3 |
| Rádio Onda Cero Madri, Espanha | 95 | 134 | 21 |

Tabela 6: Ocorrência dos demonstrativos em E por rádio.

| | 1ª série (este) | 2ª série (ese) | 3ª série (aquele) |
|--|--------------------|-------------------|----------------------|
| Rádio Mitre Buenos Aires, Argentina | 43.2% | 55.6% | 1.2% |
| Rádio Onda Cero Madri, Espanha | 38% | 53.6% | 8.4% |

Tabela 7: Porcentagem de ocorrência dos demonstrativos em E por rádio.

Os resultados comprovam que a divisão tradicional dos demonstrativos em três séries que se relacionam com as pessoas do discurso não dá conta do atual emprego dessas formas. Em ambas as línguas, há um desequilíbrio que dá lugar a assimetrias diferentes, sendo a primeira série a que perde espaço no PB e a terceira série a que se reduz no E. Também podemos observar nas tabelas 6 e 7 que, embora em Madri apareçam algumas ocorrências mais da 3ª série, a diferença é pouco significativa e mostra que não há como negar *a priori* e sem novas pesquisas que a Espanha esteja fora desta assimetria, que o retrocesso de *aquel* seja um fenômeno exclusivo do E em regiões da América, como continuam assegurando publicações da Real Academia Española (RAE, 2009).

No item seguinte, focalizaremos alguns dos casos observados nas falas de ouvintes de rádio para ilustrar os empregos que até aqui apresentamos apenas de modo quantitativo, e para apontar alguns caminhos possíveis à interpretação da alternância entre essas formas.

4. ALTERNÂNCIA NOS EMPREGOS DOS DEMONSTRATIVOS

Nossos resultados prefiguram um lugar especial para a segunda série, *esse/ese*. Em ambas as línguas, se percebem possibilidades de alternância. Em PB quase substituindo “este”, já que é empregada para fazer referência ao que pertenceria ao campo da 1ª pessoa do discurso e, claro, ao que pertenceria ao campo da 2ª pessoa propriamente dita. Já no E, é empregada para além de fazer referência ao campo da 2ª pessoa, na construção de enunciados referentes à 3ª pessoa, nos quais alterna com *aquel*, série com escassas ocorrências.

Comentaremos primeiramente algumas transcrições de rádio em E⁴:

- (1) [...] *la protección de Abal Medina y toda esa caterva este:: que figuraba en ese momento... Juan Perón alababa a esa juventud maravillosa... después esa juventud maravillosa pasaron a ser unos miserables [...]* (Radio Mitre, 27/01/10 – 21:56).

⁴ Todos os casos apresentados são da nossa pesquisa (Moreira, 2013).

(2) [...] no fue el ejército el que actuó mal en la época de la represión... fueron los que en **aquel** momento la conducían... lo conducían... hay un sector de chicos preparados... que son los que después entraron como voluntarios [...] yo me pregunto... bajo una buena conducción... **esa** mano de obra que fue muy bien formada... o sea... por conocimiento ¿no?... de lo poco que yo puedo saber de lo que pasaba dentro de **ese** ejército... creo que con una muy buena conducción pueden hacer las cosas bien... es una opinión personal ¿no? (Radio Mitre, 26/01/10 – 21:27).

Em muitas gravações de ouvintes da Radio Mitre, de Buenos Aires, emprega-se o demonstrativo de segunda série para fazer referência ao passado, inclusive a um passado nada próximo. Como na expressão *ese momento*, encontrada no caso 1; é comum que encontremos a segunda série empregada para fazer referência ao alheio: outro tempo, outro lugar etc.

No caso 2, podemos observar que o ouvinte da rádio, depois de enunciar *aquel momento*, em um dos poucos casos de aparição da terceira série nessa cidade, emprega um demonstrativo de segunda série para referir-se à *mano de obra* e ao *ejército* da mesma época. De acordo com Alarcos Llorach (1970: 303), “*la situación que señalan los demostrativos no es objetivamente absoluta, sino resultado de la perspectiva subjetiva de cada hablante*”. A partir disso poderíamos entender por que existe uma alternância entre as duas séries, inclusive na elocução do mesmo falante, para referir-se, primeiro, a um momento distante no tempo, e, depois, a coisas daquele tempo que recebem um matiz de “atualidade” na sua perspectiva. Poderíamos propor que *aquel momento* é um momento que está sendo recuperado na cena construída, só que nessa cena os outros dois referentes, o exército e a mão de obra, são o que, para o locutor, foi mais duradouro. Formados na época da ditadura argentina, continuaram existindo por algum tempo, sendo assim, esses dois referentes têm maior possibilidade de serem projetados ao presente.

Veremos agora outros casos, na rádio de Madri, em que a alternância entre *ese* e *aquel* parece obedecer também à perspectiva assumida na enunciação:

(3) [...] yo en el año ochenta y cuatro... me quedo embarazada [...] me pongo de parto... me voy a urgencias... y ahí justamente la misma noche... en la que yo me pongo de parto antes de subirme a la planta... ya me están hablando y diciendo si puedo dar a la niña en adopción... ya sabemos que es una niña por ecografía... ¿vale?... ya lo están comentando... yo en **aquel** momento quiero salir de allí corriendo pero ya los dolores son tan fuertes que no puedo salir andando... ni en **ese** momento puedo avisar a nadie porque por acá entonces no habían teléfonos móviles... y mi familia no se encontraba cerca (Radio Onda Cero, 23/09/10 – 10:29).

(4) [...] yo hace cuatro años doy la luz a una niña y me llama una hermana de mi madre para felicitar me por el acontecimiento... hacía muchos años que no teníamos trato porque ellas no se llevaban bien... y en **esa** primera llamada pues aprovecha para decirme... que mi padre antes de morir le había dicho que yo era adoptada... y que buscarse porque yo era adoptada [...] en principio llamo donde se suponía que yo había nacido... a mí siempre me habían dicho que había nacido en la clínica L'Alianza de Tortosa... entonces a la partida de nacimiento ponía una calle... yo la había visto muchas veces entonces di por eso que la clínica estaba en **esa** calle... entonces con el catastro de Tortosa compruebo que no... que lo que había en **esa** calle... en **aquel** año... mil novecientos sesenta y ocho... era la fonda [...] (Radio Onda Cero, 23/09/10 – 10:25).

No caso (3), temos o emprego de *aquel* e *ese* precedendo a palavra *momento*. Ambas as expressões foram formuladas pela mesma ouvinte, que relata uma experiência vivida em 1984: uma história triste, da tentativa de roubo de sua filha recém-nascida. O que ela denomina como *aquel momento* é um passado narrado por ela através do presente histórico. Porém, logo passa a *ese momento*, produzindo um efeito de voltar à cena,

de revivê-la, contribuindo para a dramaticidade do relato. Alternâncias análogas também foram encontradas no *corpus* em PB. Sobre essa propriedade dos demonstrativos, Eguren (1999: 935) dá uma explicação que pode ser estendida a ambas as línguas:

Las relaciones (primarias) de proximidad relativa de los demostrativos este, ese y aquel con respecto al centro delectico pueden verse alteradas como consecuencia del grado de implicación emocional o de las actitudes del hablante con respecto a su interlocutor o a algún elemento del contexto de la enunciación.

Já no caso (4), a ouvinte descreve toda a cena que viveu quatro anos antes, empregando demonstrativos de segunda série: *esa primera llamada, esa calle*, mas logo depois passa para *aquel año*. Essa mudança se relaciona com um deslocamento temporal: precisa de algo que lhe permita diferenciar momentos, já que passa a referir-se a um momento anterior, o ano de 1968.

Com os quatro casos apresentados, podemos perceber que fatores enunciativos tais como a orientação argumentativa assumida ou a dimensão emotiva representada influenciam na seleção da série a ser empregada. Vemos relatos do passado nos quais o emprego da segunda ou terceira série pode relacionar-se à perspectiva do enunciador ou à necessidade de diferenciar a cronologia interna do relato, conforme vimos em (4). Resulta claro, também, que, em E, tanto o demonstrativo *ese* quanto *aquel* podem participar na construção de uma referência a algo que pertenceria ao campo da 3ª pessoa do discurso, ou ainda a algo muito longínquo no tempo ou no espaço.

Não encontramos ocorrências da segunda série dos demonstrativos em E ocupando um lugar no qual se esperaria a primeira, fator que observávamos com grande frequência no PB. Vejamos, para possibilitar a comparação, alguns casos:

(5) [...] São Paulo... **esse** solo bendito... é... parece casa de aluguel... as pessoas moram numa casa... vive ali... alguém fez um esforço pra fazer **aquela** casa... mas

a pessoa diz... eu não vou fazer nada aqui porque a casa não é minha [...] eu não sou daqui... eu nasci em Sergipe e acabei de me criar na agricultura do interior de São Paulo... mas eu nunca fui passear no São João... nem nas festas de fim de ano no Norte... porque **aquele** dinheiro era pra mim construir uma casa [...] é falta de respeito... de compromisso com o lugar que eles vivem... **essas** pessoas que diz que voltam... se eles quisessem eles já tinham voltado em condição de viver lá... mas aqui é onde se ganha tudo... **esse** solo aqui é um solo bendito (Rádio Capital, 20/01/10 – 13:00).

No trecho final, o demonstrativo “esse” é empregado para referir-se ao lugar onde está a pessoa que enuncia, sendo assim, “esse solo aqui” refere-se à cidade de São Paulo; há, inclusive, um marcador de lugar, a forma “aqui”, que reforça a ideia de que é o lugar onde o locutor está no momento que enuncia. Não seria possível explicar esse uso, por exemplo, a partir da ideia de “desagrado” que propõem Cunha e Cintra (2001), como vimos em 2.1: trata-se de uma mulher que expressa sua satisfação por morar em São Paulo. Vejamos outro caso:

(6) [...] já tem seis meses que eu fiz o pedido **dessa** máquina Cielo [...] quando foi no dia 11 **desse** mês agora... a máquina parou porque o carregador da máquina não está carregando [...] (Rádio Sociedade, 25/11/10 – 08:25).

O ouvinte começa falando do passado: há seis meses fez o pedido da máquina operadora de cartões de crédito da marca Cielo. Depois, o enunciado “esse mês” vem acompanhado de “agora”, que trata de não deixar dúvidas sobre qual é o mês: o atual. Podemos relacionar esse processo de afirmação ao que explica Castilho (2008: 118):

A presença dos demonstrativos em nossas sentenças fornece ao interlocutor pistas sobre o processamento mental, pré-verbal, levado a cabo pelo

locutor. Por meio dessas palavras, ele passa ao interlocutor a seguinte mensagem: “Você sabe do que eu estou falando, você conhece o referente deste sintagma nominal, que foi explicitado nos atos de fala precedentes, ou que pode ser inferido em nossa situação de fala”.

Se considerarmos válido o que propõe o autor, poderíamos pensar que o emprego de algum advérbio junto ao demonstrativo poderia facilitar essa compreensão por parte do falante, sobretudo quando o demonstrativo empregado é flexível e pode estar presente em mais de um campo de referência, como é o caso da segunda série, que ora está no campo da 1ª pessoa, ora no campo da 2ª.

5. OS POSSÍVEIS DESENCONTROS NO CONTATO

Há maior ocorrência dos demonstrativos de segunda série nas duas línguas estudadas. Isso se dá porque a segunda série vem ocupando espaços que, se considerássemos uma possível relação das pessoas do discurso com as séries dos demonstrativos, seriam atribuídos a outras séries. Porém, isso se dá de forma diferente nas duas línguas: no PB, “esse” tende a assumir o que está no domínio e na proximidade da 1ª pessoa, o que notamos inclusive porque as formas “este” aparecem escassamente no *corpus*. No E, em compensação, a forma *ese* ocupa, em vários casos, o campo de referência que poderia corresponder às formas de *aquel*. Porém, não se registram usos de *ese* para o que é próximo do falante, para seu lugar e seu tempo.

Por isso, não aparecem, em E, casos análogos a (5), “esse solo benedito” para a terra que o falante está pisando, ou (6), “esse mês” para o mês em que estamos no momento da fala. No E atual, a separação *este/ese* parece manter-se bastante firme, e *ese mes* ou *ese suelo* serão interpretados como qualquer mês ou qualquer solo, menos aqueles nos quais se produz a fala.

Assim, a segunda série aparece como um lugar possível de desencontro referencial na interlocução entre falantes de PB e de E, bem como surge a necessidade, no ensino, de um trabalho sobre a diferenciação entre

séries. Favorecer que as formas *este* do E sejam percebidas como as únicas que nessa língua podem dar conta, como demonstrativos, do aqui e agora da enunciação, bem como dos objetos representados como próximos ou portados pelo falante (*esta sala donde estamos, estos momentos que estamos viviendo hoy, esta camisa que tengo puesta*). Evitar que elas sejam avaliadas a partir da carga semântica de “monitoramento estilístico” ou “formalidade” que carregam suas formas análogas no PB atual.